

## O IMPACTO DA MÍDIA NO FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS

Eula Dantas Taveira Cabral\*

---

**Resumo:** O Festival Folclórico de Parintins é um dos maiores eventos da Amazônia. Pela promoção da disputa entre os Bois-Bumbás Garantido e Caprichoso ganhou repercussão dentro e fora do país. Nesta pesquisa são apresentados o surgimento do festival e dos bois, pelos fundadores, e o impacto da mídia na maior manifestação folclórica amazonense. A escolha do Festival deve-se ao fato de que ele é uma das amostras mais importantes do folclore regional exibido aos turistas de vários países através do evento realizado nos dias 28 a 30 de junho na cidade de Parintins (AM) e da mídia. O método utilizado neste trabalho foi o qualitativo através de pesquisa exploratória.

**Palavras-chaves:** Festival Folclórico de Parintins; Bois-Bumbás Garantido e Caprichoso; mídia; folclore.

**Abstract:** Parintins' Folklore Festival is one of the most important events in Amazonia. It is the dispute between the Bumbás-Oxen Garantido and Caprichoso and has gotten attention in and outside country. The present research presents the beginning of the festival and of the oxen by the leaders, as well as the impact of the media on the greatest folkloric manifestation in Amazonas. The choice of the Festival is due to the fact that it is one of the most important festivals of the regional folklore shown to the tourists from different parts of the world as well as to the media. The event takes place from 28 to 30 June in Parintins, in the state of Amazonas. The work was developed by the use of a qualitative method and exploratory research.

**Key-words:** Parintins' Folklore Festival; Bumbás-Oxen Garantido and Caprichoso; media; folklore.

---

\* Eula Dantas Taveira Cabral é Mestre e Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Também é jornalista, pesquisadora e professora universitária.

O Festival Folclórico de Parintins é considerado um dos maiores eventos culturais da Amazônia. Todos os anos, a beleza folclórica do povo parintinense é mostrada ao mundo inteiro no período de 28 a 30 de junho. Nesses dias, mais de quarenta mil pessoas de todos os países vão à cidade amazonense participar dessa grande festa, apresentada pela mídia como o segundo carnaval brasileiro. Outros que não podem chegar ao local assistem-no pelo AmazonSat, canal via satélite da Rede Amazônica de Rádio e Televisão ou, então, por emissoras nacionais e internacionais que exibem trechos do evento.

Mas o grande encontro dos Bois-Bumbás Garantido e Caprichoso nem sempre foi um evento de tanta repercussão mundial. Começou como uma brincadeira do povo parintinense que, baseado em sua cultura local, se reunia para se divertir com suas histórias folclóricas.

### **UMA ILHA PERDIDA NA AMAZÔNIA COM BOIS-BUMBÁS**

Parintins é a cidade amazonense, com 150 anos, que se destaca pelo Festival Folclórico, reconhecido internacionalmente. Com uma área de 7.069 Km<sup>2</sup> e uma população com mais de 70 mil habitantes, está localizada à margem direita do rio Amazonas, na ilha Tupinambarana, habitada primitivamente por índios Tupinambás, Maués e Sapupés. O clima é quente-úmido, tendo uma temperatura média de 25 graus.

Para se chegar à cidade, é preciso ir a Manaus (AM) ou a Belém (PA) ou Santarém (PA). Por via fluvial, partindo da capital amazonense, são 420 Km. Os barcos regionais gastam, em média, 15 horas. Já as companhias aéreas, grandes – como a Varig – ou de pequeno porte, gastam de meia a uma hora, no máximo. Mas, essa facilidade de transporte só foi possível depois que o Festival chegou à mídia, fazendo assim com que as agências de viagem organizassem excursões em barcos regionais incluindo a estada completa ou passagens de ida e volta de avião.

Dentre os pontos turísticos da cidade, destaca-se a Serra de Parintins, formação de 152 metros de altitude. Circundada pela vegetação rica em fauna e flora, o lugar é freqüentado por apreciadores da pesca artesanal. Além da Vila Amazônica, onde, de abril a maio, acontece a pescaria de arribação, descida de vários cardumes de peixes do rio que são pegos por pescadores nativos, é considerado um visual inesquecível, pois são pescadas toneladas de peixes.

Destacam-se também as regiões de Parananema e Macurany, compostas por vários rios que circundam a cidade, tendo em suas margens muitas fazendas de criação de gado e um castanhal nativo e centenário. Na cheia, turistas freqüentam os hotéis e restaurantes que ficam em sua orla.

O povo é muito hospitaleiro. Durante o Festival, recebe os turistas com festa, fogos e batucada. Faz, também, exposições artesanais e, antes do encontro dos bois-bumbás, no início do mês de junho, realiza a festa junina das escolas, e no dia 18, no Bumbódromo, apresenta quadrilhas, danças, xaxados e bois-bumbás-mirins. A festa inicial vai até o dia 25. E, por incrível que pareça, é apenas neste período que o povo consegue, realmente, se reunir, brincar e aproveitar um pouco o seu folclore.

Nos dias 28 a 30 é realizado o espetáculo de Garantido e Caprichoso que por quase seis horas de espetáculo, por noite, encenam rituais amazônicos com figuras folclóricas regionais

como o Pai Francisco, Mãe Catirina, Cunhã Poranga, Pajé, dentre outras. Além disso, são apresentadas inúmeras tribos, lendas e rituais indígenas onde os brincantes dançam ao som de toadas e toque de palminhas ao ritmo cateretê, carimbó e marcha. A entrada do boi-bumbá, no dia da apresentação, é saudada pela torcida, com fogos de artifício e gritos de guerra.

Hoje, essa grande festa é realizada no Centro Educacional e Desportivo Amazonino Mendes, conhecido como Bumbódromo. Foi inaugurado no dia 24 de junho de 1988. Localizado no centro da cidade, divide as torcidas vermelho e azul. Seu formato é de uma cabeça de boi, tendo capacidade para 35 mil pessoas distribuídas em camarotes, tribunas de honra, cadeiras numeradas, arquibancadas especiais e geral (do povo). Durante o ano, abriga salas de aula, posto médico e quadras poliesportivas. A realização do evento está sob a responsabilidade da Secretaria de Cultura e Turismo do Estado e da Prefeitura Municipal de Parintins. Mas isso antigamente não era assim.

## **FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS – O EVENTO DO POVO TOMA UM NOVO RUMO**

O Festival surgiu da idéia de um grupo de 80 jovens católicos da Igreja Nossa Senhora do Carmo, que percebeu que os grupos folclóricos de Parintins estavam em decadência, que os dirigentes dos bois-bumbás Garantido e Caprichoso não poderiam mais sustentar as brincadeiras e que os grupos diminuía em número de participantes. Eles se reuniram no dia 1º de junho de 1965, na Catedral da cidade, para discutir o que podiam fazer para resgatar a cultura local. Raimundo Muniz era o presidente e Xisto Pereira, o vice. Muniz explica o surgimento:

No dia 1º de junho de 1965 nós reunimos junto com o padre Augusto, falecido, aí na Paróquia da Catedral. Conversamos a respeito do folclore, dos grupos folclóricos de Parintins que estavam em decadência. E na época surgiu a idéia de que nós fizéssemos uma festa numa quadra, a fim de reunir os grupos para tentar resgatar o que estava se perdendo, já no esquecimento da população (Muniz, 1997).

E foi exatamente isso que aconteceu. O grupo percebeu que a idéia daria certo e levou o assunto à frente. Eles passaram a fazer reuniões constantes, visando ao primeiro evento. Com o apoio dos padres, conseguiram uma quadra esportiva e, no dia 03 de junho, realizaram a festa. Ali ficaram nove festivais. Só que, para o 10º, enfrentaram um grande problema: o lugar se tornou pequeno.

Em 1975, recorreram ao Instituto de Previdência do Estado, Ipasea. Não tiveram muitas dificuldades. No dia 20 de maio, como conseguiram a concessão do terreno, foram ao comércio local e compraram o material de construção, com pagamento a médio prazo e construíram a quadra. No dia 12 de junho, realizaram o Festival. Neste lugar permaneceram até 1976, pois o Ipasea iria construir ali sua sede. Dessa forma, em 1977, foram para a CPE na Castanholeira, e alugaram a quadra de lá por dez noites.

Mil novecentos e setenta e oito, mais um ano de lutas. O grupo decidiu que compraria um terreno. Só que, como Parintins não tinha infra-estrutura educacional suficiente, na época, muitos daqueles jovens tiveram que sair da cidade e continuar os estudos em Manaus, a capital do estado do Amazonas. Muniz (1997) ficou em Parintins e com a responsabilidade de adquirir

a propriedade. "Fiz o negócio da compra desse terreno, e, no final, o camarada que prometeu em dividir o terreno, falhou na venda. Eu perdi o dinheiro [...]. Lá nós fizemos os festivais de 78 e 79". Esse terreno é o atual Ilha Verde.

Em 1980 aconteceu o mesmo problema - não havia lugar para se fazer a festa. Só que, neste ano, o prefeito da cidade resolveu ajudar. De acordo com Muniz, ele convidou o grupo para uma reunião na prefeitura e se propôs a contribuir com o aluguel do estádio Tupy Catanhede. Para os organizadores, isso foi muito importante. Sem perda de tempo, fizeram um tablado de 900 metros quadrados de madeira, que era tirado durante os jogos de futebol nos dias da festa, e lá realizaram o Festival Folclórico por três anos.

Tudo, porém, não foi perfeito! Em 1983, houve eleição para a prefeitura de Parintins e, de acordo com Muniz, o candidato vencedor, como não teve o apoio de Muniz, levou o festival para a prefeitura, cortando todas as relações do fundador com a festa.

O prefeito chamou os dois grupos folclóricos, oferecendo condições financeiras para eles porque as condições que nós dávamos eram o que rendia de portão de venda de mesas. Então, nós não tínhamos um projeto que seria dado aos participantes dos grupos folclóricos. Nós só contávamos com o que rendia no Festival. Com aquilo, a nossa condição era pouca, mas como era feita com vontade, nós atendíamos todos os grupos. Na época, era o número de 20 grupos folclóricos. Garantido e Caprichoso, quadrilhas... (Muniz, 1997).

O prefeito passou, então, a comandar o evento. De 1983 a 1987, fez a festa no anfiteatro Messias Augusto, hoje Bumbódromo. E pela divulgação constante da mídia regional, em 1987, o governador Amazonino Mendes resolveu assistir ao Festival. Mendes ficou pasmo com tanta beleza e prometeu que, em 1988, daria um local definitivo para o espetáculo cultural. A promessa foi cumprida no dia 24 de junho de 1988, com a inauguração do bumbódromo. E, a partir deste ano, os festivais passaram a ser realizados no novo lugar.

A grande lamentação de Muniz foi o encaminhamento dado à festa. O que era do povo passou a ser dos visitantes. E mais: a sua luta nunca foi levada em consideração.

Nos primeiros anos os sacrifícios foram tantos que muitas coisas a gente não gostaria de lembrar. [...] O nosso pensamento era fazer a festa para a comunidade, animá-la... mas, tem um ditado muito certo: Tudo aquilo que você faz com coração, Deus ajuda, Deus ilumina, e o nosso festival hoje não é só para o parintinense, amazonense, é um festival para todo o Brasil, inclusive, através de toada, divulgação, o festival hoje atravessa o continente, está aí no outro lado do mundo. [...] Mas com o valor dos ingressos, o povo não vê mais sua festa (Muniz, 1997).

Observe: um grupo de jovens católicos preocupados com a perda das brincadeiras folclóricas da cidade resolveu estudar um jeito de resgatá-las. Conseguiu. Planejou o Festival Folclórico de Parintins. Teve muitos problemas para torná-lo realidade, mas conseguiu atingir seu objetivo. Reuniu os grupos folclóricos parintinenses, incentivando-os a continuarem. Quando as coisas estavam crescendo, tendo retorno para a cidade, pelo reconhecimento no Estado, um político que não foi apoiado pelo fundador resolveu tirar este empreendimento de suas mãos. Não chamou Muniz para dar continuidade à idéia. Resolveu se vingar pela falta de apoio durante a campanha política e o deixou de lado (desde 1983, o fundador foi afastado totalmente de seu sonho).

Só que este grande Festival, depois que passou a ser promovido pela prefeitura e governo do Estado, tendo inicialmente o apoio da mídia regional, tem um grave defeito, de acordo com Muniz: cobra do povo para assistir a seus parentes e amigos que brincam nas quadrilhas ou nas tribos dos Bois-Bumbás, isto quando colocam à disposição dos parintinenses.

Algo também lamentado por Muniz (1997) é a música tocada hoje na apresentação dos Bois-Bumbás. "Não temos mais toada. Boi, na época, se bailava, hoje não temos bailado, temos um aglomerado". Essa mudança ocorreu porque as toadas não foram consideradas interessantes para o mercado fonográfico e nem interessantes para a mídia. Então, houve uma readaptação da música, fazendo, assim, com que se perdesse a característica original da cultura parintinense.

Dessa forma, percebe-se que o Festival Folclórico de Parintins tem sua história, apesar de não ser revelada, e que muita coisa está sendo deixada para trás. Tudo começou com uma preocupação do resgate da cultura. Hoje, a maior preocupação é como ganhar mais dinheiro.

## **BOIS-BUMBÁS GARANTIDO E CAPRICHOSO = MARCOS DO FOLCLORE PARINTINENSE**

O auge do Festival Folclórico de Parintins é a disputa dos Bois-Bumbás Garantido e Caprichoso. Cada Bumbá tem uma torcida formada por centenas de pessoas que vão até o fim do evento, torcendo, participando do espetáculo e vestindo as cores oficiais de cada um. A cor do Garantido é vermelho e a do Caprichoso, azul, sendo que os dois adotam também o branco. A história dos Bumbás tem várias versões e, em muitos casos, muitas contradições.

### **GARANTIDO**

O Boi-Bumbá Garantido foi criado em 1913, por Lindolfo Monteverde, na baixa de São José, onde ainda está o seu curral, ou seja, sua quadra. Tornou-se uma associação em maio de 1982, conquistando mais de vinte títulos, inclusive um pentacampeonato. Conforme Antônio Monteverde, filho do fundador do Garantido, José Lindolfo:

O dono do Garantido adoeceu muito trabalhando aqui no interior, ficando sem condições de voltar para o centro. Os companheiros não puderam trazê-lo. Ele ficou sozinho e fez uma promessa para São João Batista. Era católico e se pegou com o santo prometendo que, se ele levantasse daquela enfermidade, ia, em louvor a São João, colocar uma brincadeira com esse nome de boi Garantido. É justamente o boi da promessa que todo mundo conheceu aqui em Parintins... Era uma doença incurável, hoje em dia eu acho que é a malária... o pessoal tremia o corpo todo e a febre não passava - muita gente morria. Foi assim a origem do Garantido (Monteverde, 1997).

De acordo com os depoimentos dos fundadores, o Garantido apareceu primeiro. Inclusive, o Caprichoso teve a ajuda do fundador do Garantido, José Lindolfo, como explica Monteverde:

Depois de três anos foi que surgiu a idéia de formar o Caprichoso. Daí veio uma família aqui falar com o meu pai... e meu pai foi e ajudou eles ensaiarem. O Caprichoso levou o apelido de marujada porque eles brincavam de marujos. No mês de dezembro, eles colocavam o cordão de marujos... foi daí que tudo começou (Monteverde, 1997).

Na época, o Caprichoso chamava-se boi Galante. A troca do nome foi feita em concordância com o rival, como explica Monteverde:

[...] o senhor Roque, que era mais velho, pediu ao meu pai para ajudá-lo a ensaiar o boi... 'mas Zé Lindolfo, como é que nós vamos colocar o nome do boi? Nós queremos botar o boi'. Ele disse: 'Rapaz, Garantido é o meu'. - 'Se o teu garante, o meu capricha. Então, Caprichoso tá bom!'. Eles concordaram em colocar Caprichoso. Foi assim que surgiu o nome Caprichoso (Monteverde, 1997).

A disputa com o boi Galante era interessante. Antes de surgir o Festival Folclórico, os bois desfilavam nas ruas. Os cantores de toada tinham que ter vozes potentes e capacidade de responder os desafios impostos pelo opositor. Se um começasse elogiando, o outro elogiava, mas se criticasse, também recebia críticas. Esse jogo de versos, como hoje ainda existe no Nordeste, durava horas. Mas, depois de uns dez anos, surgiu um novo tipo de disputa: derrubar a cabeça do adversário. A que caísse primeiro perdia. Como Lindolfo Monteverde era mais experiente, fixava bem a cabeça do Garantido e, de acordo com seu filho, o Garantido nunca perdeu.

Depois, apareceram as brigas de rua, mas o marco era a imitação como afirma Antônio Monteverde:

Ele procurava sempre imitar aquilo que o Garantido ia começando a desenvolver porque o José Lindolfo, meu pai, além de ter criado o Garantido, inventou muita coisa: a vaqueirada, a tribo de índio, a dança do boi... investia na comédia... depois ele começou a fazer o boi se mexer. Tudo isso foi criatividade dele e eles foram imitando também lá. Criava aqui. Eles procuravam ver como era e iam fazendo e foi dando tudo certo. Agora o boi já se mexe e rebola pra tudo quanto é parte (Monteverde, 1997).

Quando Monteverde vê os Bois, hoje, estranha bastante. Pois, naquela época, eles tiravam dinheiro do bolso para manter as brincadeiras e as fantasias, mantendo a tradição. Atualmente, existem muitos patrocinadores que garantem a Festa, pois têm grandes lucros, mas ignoram a cultura do povo.

Meu pai, Lindolfo, trabalhou com o roçado para manter as fantasias do mês...  
 [...] Os arranjos que hoje existem são bons, mas a tradição devia vir acompanhando... porque aí ninguém esquece o passado... é isso que nós não queremos perder.  
 A evolução das tribos, os rituais, os capacetes de luxo... é muita coisa que mudou. Mudou para melhor - vamos dizer... fica mais bonita a coisa, mas é como eu digo: Eles esqueceram um bocado das coisas que trouxeram a beleza... A evolução é linda, mas devia aparecer também a tradição.  
 Só o que está permanecendo ainda, um pouco, seguro ainda, que eu acho que vai permanecer, é o ritmo. Tambores[...] isso já existia (Monteverde, 1997).

Apesar de não fazer críticas diretas, a família Monteverde lamenta muito por ter ficado de lado. Também vive humildemente em Parintins. Uma das poucas alegrias de Antônio é relembrar o passado, apesar de ficar em dúvida, em relação às datas.

Em 62, o Gilberto chamou o Boi para Manaus e nós fomos fazer uma apresentação no General Osório. Existia um campo, uma quadra provisória e nós nos apresentamos lá. Os nossos brincantes, alguns deles, viram como poderia ser uma quadra... Em 63, Raimundo Muniz e o Xisto fizeram uma pequena quadra aqui no São Benedito. Foi a primeira quadra que existiu - era cercada de palha. Só eram vendidas as mesas [...]  
Eles se reuniram lá na Catedral. Foi onde começou as quadras de Parintins. Depois fizeram uma outra quadra lá nas Castanholeiras... e uma quadra oficial aqui no Ipasea - como eram pequenas as quadras para as duas brincadeiras se apresentarem... fizeram no Tupy Catanhede e depois no Bumbódromo - que é até agora. O Garantido sempre levava a melhor. Não porque eu faço parte do vermelho e branco, mas, graças a Deus, nós sempre tiramos a vitória (Monteverde, 1997).

A "organização", se assim pode ser chamada, do Boi-Bumbá Garantido é muito rica. Todo final do ano, seus diretores promovem em Parintins o *réveillon* vermelho e branco. E em janeiro realizam o festival de toadas, e, em seguida, o CarnaBoi. Os ensaios começam no dia 30 de abril com o primeiro baile e o lançamento das toadas. No final do baile, fazem a passeata pelas ruas. No dia 1º de maio, realizam o primeiro ensaio, fazendo festas todos os finais de semana até o dia 25 de junho. No dia 1º de julho, após o resultado final do festival, fazem uma grande festa, e, no dia 17 de julho, no curral, realizam o ritual da matança do boi Garantido.

Em Manaus, desde 1996, o movimento "Amigos do Garantido" fundou o Curral do Boi onde, em todos os finais de semana, promovem a festa e o ensaio do Boi. Ou seja, os manauaras tentam apropriar-se da cultura parintinense, uma vez que a mesma rende grandes lucros aos empresários envolvidos que, em muitos casos, são amigos ou donos de empresas de comunicação, pois a mídia consegue mobilizar na região milhares de pessoas que vão às festas aprender a dançar os ritmos e as coreografias sensuais (a sensualidade foi imposta pela mídia, fazendo com que houvesse maior aceitação do público jovem).

## CAPRICHOSO

Quanto ao Boi-Bumbá Caprichoso, conhecido como o Boi da parte de baixo de Parintins, onde está o seu curral, dizem que ele nasceu no bairro Praça 14, em Manaus. Pode até ser. Não foi possível obter, nesta pesquisa, o local nem quando o Boi apareceu, pois ele teve vários donos. O último, oficialmente, foi o senhor Luiz Pereira, que relembra a história:

Quando o Luiz Gonzaga morreu (isso em 1960), passou o Boi para mim e para o Camoca. A primeira disputa que surgiu foi bonita. Nós fomos disputar ali na quadra da Castanholeira. Na primeira disputa, o Garantido perdeu. Os brincantes quebraram a quadra (Pereira, 1997).

De acordo com Pereira, antes dele, o dono do Caprichoso era Luiz Gonzaga. Apesar de ser divulgada a história de que, além de Luiz Pereira, o Caprichoso também era de Camoca, mas como os dois se desentenderam e se separaram, resolveram colocar dois Bumbás com o mesmo nome - Caprichoso. E isso resultou numa grande indecisão nos participantes que não sabiam onde deviam brincar. Por causa disso, de acordo com Pereira, Benedito Azevedo chama os dois, conversa com eles e faz uma pesquisa com os participantes para que assim fosse definido quem seria o responsável pelo Bumbá. Sai o resultado. Luiz Pereira ganha e passa a ser oficialmente o dono do Boi-Bumbá Caprichoso.

Camoca não gostou muito, principalmente porque Pereira, quando era mais novo, brincou por sete anos no Garantido. Pereira ignorou a revolta do amigo e passou a se dedicar mais ainda ao seu Bumbá. Mas relembra o tempo em que participou do concorrente pois, naquela época, a troca de versos impressionava os meninos:

Nesse tempo, tiravam versos na hora.  
Do boi Galante (Caprichoso) era assim:  
"Boi Galante eu sou,  
Terra firme tremeu  
Para poder com nós  
Só Deus, só Deus".

Aí o seu Lindolfo, ao ouvir aquela cantiga, cantou essa:  
"Boi Garantido ouviu  
estarem falando em Deus  
escutou na terra e olhou pra adiante  
olha boi Galante  
o teu deus sou eu".  
O caboclo era macho mesmo (Pereira, 1997).

Para cuidar de um Boi, organizando o pessoal e as brincadeiras, não era fácil. Luiz Pereira, dono do Caprichoso, por exemplo, tinha que pedir ajuda aos empresários da época, ou, então, tirar dinheiro do bolso, como Monteverde (1997), para dar fantasia aos brincantes: "Eu que dava as fantasias. Eu ia pedir dos ricos porque tinha que comprar camisa pra dar para o pessoal. As camisas não eram como as de agora, era tipo marujada. Era camisa azul que tinha uma pala com três faixas atrás - a gente brincava com umas 100 pessoas".

Como Luiz Pereira tinha poucas condições financeiras e como cada ensaio era realizado em sua casa, perdendo vários utensílios domésticos, um "amigo" chamado Genésio, resolveu "ajudá-lo", como explica seu filho, Carlos Alberto:

Meu pai achava que estavam difíceis as condições pra colocar o Boi... Então, ele passou até a ter pena de colocar neste espaço aqui. Foi quando seu Genésio chamou o pai e falou que o espaço estava muito pequeno, mas que ele havia ganho um espaço maior, onde é o atual curral do Caprichoso... Então, lá já surgiu também uma diretoria formada, pois disse que o Boi ia crescer e que tinha que constituir esse pessoal. Aí ele prometeu para o pai que nunca ia esquecer dele, que ia sempre dar apoio e o que ele precisasse, ele sempre ia estar lá... Mas não houve nada disso (Pereira, 1997).



Pereira afirma que foi totalmente desprezado pelos dirigentes designados: "Eu tirava o que não tinha pra dar para o pessoal, no entanto, quando ele cresceu... Tem gente que diz que eu não sou dono do boi. Era eu. Sou desprezado. Tem gente que está rica e eu...".

O Caprichoso já conquistou mais de dez títulos. Mesmo assim, deixou seus fundadores de lado e passou a arrecadar muito dinheiro no Estado. Em Manaus, o Movimento Marujada organiza desde 1988 o 'Bar do Boi', realiza também outras festas, inclusive há um curral na cidade que vende, a cada encontro semanal, milhares de ingressos. Na sexta-feira que antecede o Festival Folclórico de Parintins, realiza a Festa Tradicional no Rio Negro Clube.

Em Parintins, no dia 20 de abril, acontece o primeiro baile oficial do Caprichoso. Quando a festa acaba, sai pelas ruas da cidade anunciando, numa grande alvorada, o seu primeiro ensaio. No dia 21, realiza uma Missa em Ação de Graças na Catedral, com a presença do Boi e de todos os participantes. Da igreja sai a passeata até o curral para o primeiro ensaio. No dia 27 de junho, acontece a Festa dos Visitantes no curral. No dia 1º de julho, após o resultado, há uma concentração no curral para, daí, seguir em passeata pelas principais ruas do lado azul e branco da cidade e, no dia 19, é realizado o ritual da Fuga do Boi, encerrando a programação oficial.

## FOLCLORE, TURISMO, MÍDIA: O FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS

O Festival Folclórico de Parintins reúne, todos os anos, no mês de junho, mais de quarenta mil pessoas. Isso porque os turistas têm a curiosidade de conhecer o folclore, a cultura popular da cidade. E, exatamente nessa época, os parintinenses se preparam para mostrar seus hábitos, culinárias e suas "crendices".

O Festival dos Bois-Bumbás Garantido e Caprichoso acaba sendo o grande atrativo. Numa disputa de cultura e luxo, retrata a história de um casal de negros, em que o marido mata o boi de seu amo (homem branco, patrão), para satisfazer o desejo da esposa que estava grávida. Ela quer comer a língua do boi. A situação é complicada, pois o negro, visto sob o ângulo de escravo, poderia morrer pelo crime cometido contra o animal. Mas, neste enredo, um padre e um índio conseguem ressuscitar o boi.

Além da história dos negros, são encenados rituais amazônicos com figuras folclóricas regionais como a Cunhã Poranga e o Pajé, dentre outras. São apresentadas inúmeras tribos, lendas e rituais indígenas, onde os brincantes dançam ao som de toadas e toque de palminhas ao ritmo de cateretê, do carimbó e da marcha. Assim, numa mistura de hábitos brancos, negros e indígenas, principalmente com seus rituais, o Festival se tornou uma das maiores manifestações culturais do país. Nele, observa-se a riqueza, o luxo e, ao mesmo tempo, a "simplicidade" do ser índio. Magia de uma fusão de várias culturas que mostram o que é ser amazonense. O caboclo que tem raízes européias e africanas, mas com sangue indígena.

Graças, então, à grande manifestação cultural, que é o Festival Folclórico de Parintins, o turismo passou a ser uma grande fonte de renda para a cidade.

A cultura é, sem dúvida, a mais forte representatividade de um local para que possamos conquistar uma atividade turística. O turismo, na sua evolução histórica, sempre procurou retratar a cultura como a base de todo o conhecimento humano em suas peregrinações (Beltrão, 1999, p.69).

Mas ter um forte atrativo não é suficiente para manter o turismo. De acordo com Beltrão (1999), o turismo precisa ser planejado "com devido apoio, para que possamos ter na prática os resultados positivos que envolvem geração de renda, qualificação profissional, promoção, cultura, conscientização e desenvolvimento cultural" (p. 112).

É fundamental que os investimentos sejam aplicados na busca de melhores condições para a própria sociedade local, refletindo na qualidade de vida de seus habitantes, que certamente atrairá mais pessoas na busca de um ponto referencial para as suas necessidades de lazer, cultura e negócios (Beltrão, 1999, p.65).

Mesmo conhecendo a necessidade de investimentos, em Parintins a realidade é outra. De acordo com registros feitos no site "A verdade sobre o Boi-Bumbá"<sup>1</sup> <<http://www.terravista.pt/IlhadoMel/3302/quemganha.htm>>:

[...] a cidade de Parintins tem um número absurdo de casos de Aids e mães solteiras. As famílias amazonenses que estão perdendo seus jovens, que entre uma toada e outra, na maioria das vezes, conhecem sexo farto, drogas, destruição de casamentos, violência e outros males.

Em abril de 1997, quando foram realizadas várias entrevistas para a montagem do documentário "Parintins... além da festa", percebeu-se que o Festival não estava beneficiando todos os moradores da cidade. Conforme um dos fundadores do Festival, Raimundo Muniz, o povo paga, quando ainda há ingressos, e a única época que se tem emprego na cidade é durante os preparativos das fantasias dos Bois. "Esse festival, nos meses de maio e junho, dá dois ou três mil empregos diretos ou indiretos - tanto o Caprichoso como o Garantido - porque há trabalho para a preparação dos grupos que se apresentarão no festival" (Muniz, 1997).

Outros moradores da cidade se queixam, também, da falta de infra-estrutura. Não há hospitais, escolas e empregos suficientes para a população. Esse "sonho" só é realizado durante o Festival, quando são levados médicos para atender as pessoas, são dados empregos, etc. Antes e depois do evento, a cidade continua pacata, com uma rede de ensino e saúde precários, e com jovens que não têm muita esperança em relação ao futuro.

Dessa forma, observa-se que o Festival não resulta em tantos benefícios, como devia, para a comunidade. Parintins tem o atrativo que pode torná-la uma cidade turística, mas se os governantes continuarem ignorando este fato, até mesmo o Festival pode perder seu brilho, pois os visitantes procuram, também, o bem-estar.

Revendendo sua história, em 1965, apareceu com o objetivo de resgatar a cultura local. No entanto, a partir da década de 80, toma o rumo empresarial. Sim, existem investimentos violentos no evento. Hoje, as toadas são gravadas pela Polygram, que revende os CDs aos interessados, nas principais lojas de música do Estado. O direito de transmissão do festival é vendido à TV Amazonas, afiliada da Rede Globo, e uma das emissoras da Rede Amazônica de Rádio e Televisão. O evento tem o patrocínio do Governo do Estado e Coca-Cola, dentre outros.

---

<sup>1</sup> Não são identificados os responsáveis pelo site. Apenas verifica-se que é feito por pessoas críticas e locais.

O Festival, inegavelmente, está se tornando um grande negócio. Arrecada milhares de reais todos os anos. Seus músicos são reconhecidos em vários países. Tem contratos milionários com grandes empresas. É apreciado por vários povos, mas ainda não conseguiu valorizar os fundadores do festival nem dos Bois. Até mesmo o povo, como já foi citado, é deixado de lado, pois a maioria da população da cidade vive de forma precária. Mas, por quê? Não existem motivos para que a cidade continue sem infra-estrutura adequada.

### O FOLCLORE...

Em seus primórdios, o Festival exibia a cultura do povo nas toadas e bailados. Hoje, os CDs misturam as canções aos ritmos da moda como axé, pagode etc. As diretorias são profissionalizadas. Vendem fantasias aos turistas, os cantores fazem par com artistas reconhecidos no mundo da música. Parece que o folclore se perde em meio a tantas inovações. É engano, em parte. O ritmo do CD não é o mesmo que acompanha a letra nos dias de apresentação dos Bois no Festival. Agora, quanto às fantasias... parece que foram confeccionadas para o samba do Rio, pois são luxuosas. Inclusive, muitos parintinsenses estão confeccionando para o Carnaval no Rio de Janeiro.

O que acontece com o Festival Folclórico de Parintins, na verdade, é que o folclore está acompanhando as exigências do mercado. É governo, Coca-Cola, a mídia... todos querem dar uma dica. Querem oferecer um produto que esteja sob os seus padrões de qualidade. E isso prejudica, mas não impede que a cultura, mesmo deturpada, parintinsense seja mostrada. Agora, quanto ao esquecimento dos responsáveis pelo Festival, isso é lamentável. Eles deram o passo mais difícil para que o festival e os Bois-Bumbás fossem uma realidade na cidade. Portanto, a festa deve ser apreciada e valorizada no seu todo. O povo e seus fundadores têm que ser levados em consideração e valorizados por tudo que fizeram.

O Festival dá lucro aos seus patrocinadores. Agora, se faz necessário que haja investimento na cidade e no povo para que todos sejam beneficiados pelo evento. Caso contrário, terá seus dias contados.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGELI, Margarida N. Barreto. **Planejamento e organização em turismo**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1996. (Coleção Turismo)

BELTRÃO, Otto di. **Turismo: a indústria do século 21**. São Paulo: Lorena, 1999.

BOIS-BUMBÁS de Parintins. Disponível em:  
<[http://www.boideparintins.com.br/ind\\_menu.htm](http://www.boideparintins.com.br/ind_menu.htm)>. Acesso em: 19 de out. 2003.

BOI-BUMBÁ Caprichoso. Disponível em <<http://www.caprichoso.com>>. Acesso em: 19 de out. 2003.

BREGUÊZ, Sebastião Geraldo. **A concepção materialista do folklore**. Disponível em <<http://www.breguez.jor.br>>. Acesso em: 30 ago. 2000.

\_\_\_\_\_. **Cultura popular – afinal, o que é folklore?** Disponível em: <<http://www.breguez.jor.br>>. Acesso em: 30 ago. 2000.

\_\_\_\_\_. **Comunicação e folklore**. Disponível em: <<http://www.breguez.jor.br>>. Acesso em: 30 ago. 2000.

A CIDADE de Parintins. Disponível em: <<http://parintins.com/>>. Acesso em: 19 out. 2003.

CONHECENDO a cidade de Parintins. Disponível em: <<http://www.terravista.pt/IlhadoMel/3302/sabermas.htm>>. Acesso em: 19 out. 2003.

CORIOLANO, Luzia Neide M. T. **Do local ao global: o turismo litorâneo cearense**. Campinas: Papirus, 1998.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do turismo**. São Paulo: Pioneira, 1999.

MONTEVERDE, Antonio (filho de Lindolfo Monteverde, criador do Boi-Bumbá Garantido). **Os Bois-bumbás Garantido e Caprichoso e o Festival Folclórico de Parintins**. Parintins (AM), 18 de abril de 1997. Entrevistas concedidas a Eula Taveira Cabral, Juzy Carla Andrade, Ailson Andrade, Yusseff Abraham e Ed Blair.

MUNIZ, Raimundo (um dos fundadores do Festival Folclórico de Parintins). **O Festival Folclórico de Parintins**. Parintins (AM), 18 de abril de 1997. Entrevistas concedidas a Eula Taveira Cabral, Juzy Carla Andrade, Ailson Andrade, Yusseff Abraham e Ed Blair.

PEREIRA, Carlos Alberto (filho de Luiz Pereira, último dono do Boi-Bumbá Caprichoso). **O Boi-bumbá Caprichoso e o Festival Folclórico de Parintins**. Parintins (AM), 18 de abril de 1997. Fita de vídeo. Entrevistas concedidas à Eula Taveira Cabral, Juzy Carla Andrade, Ailson Andrade, Yusseff Abraham e Ed Blair.

PEREIRA, Luiz Pereira (o último dono do Boi-Bumbá Caprichoso). **Os Bois-bumbás Garantido e Caprichoso e o Festival Folclórico de Parintins**. Parintins (AM), 18 de abril de 1997. Fita de vídeo. Entrevistas concedidas a Eula Taveira Cabral, Juzy Carla Andrade, Ailson Andrade, Yusseff Abraham e Ed Blair.

TAVEIRA, Eula, et al. **Parintins... Além da Festa**. Documentário apresentado na disciplina Telejornalismo do curso de Comunicação Social. Orientação: Rui Alencar. Universidade do Amazonas, 1997. 1 fita de vídeo (25 min), VHS.